O MAHĀMṚTYUÑJAYA[1] MANTRA:

O GRANDE MANTRA CONQUISTADOR DA MORTE[2]

Lidando com irregularidades métricas

Quando examinamos os versos encontrados no “mundo real” muitas vezes descobrimos que eles não combinam perfeitamente com os padrões métricos idealizados. Esse é frequentemente o caso dos versos encontrados nos textos vêdicos, que são as escrituras mais antigas do hinduísmo. Os versos vêdicos mostram mais variações do que os textos clássicos, mas não os consideramos defeituosos por essa razão. Não se espera que versos escritos em um estilo arcaico se conformem aos padrões de prosódia clássica que se desenvolveram em épocas posteriores. Nós explicamos a variação dizendo que ela é *ārṣa*,[3] “pertencente aos *ṛṣis”.* Os versos que vêm dos sábios antigos são considerados inspirados divinamente.

Como um exemplo da maior liberdade encontrada nos versos vêdicos considere o *Mahāmṛtyuñjaya* mantra, o grande “mantra conquistador da morte”, que é um dos versos mais populares no hinduísmo contemporâneo. Ele é um verso Anuṣṭubh do *Ṛgveda* (RV 7.59.12), e também aparece no *Yajurveda* (YV 3.60). Por ser um verso vêdico, ele está escrito de uma forma mais livre do que as métricas altamente padronizadas do sânscrito clássico.

Um problema para os cantores é que o verso muitas vezes está escrito de uma forma que contém uma deficiência métrica no primeiro *pāda* devido ao *sandhi*. A palavra inicial (*tryambakaṁ*) deve ser cantada claramente com quatro sílabas (*tri̱-ya-mba-kaṁ*) a fim de que a primeira meia-linha tenha as oito sílabas necessárias da métrica Anuṣṭubh, mesmo que ela seja escrita como (*tryambakaṁ*). Quando analisada só de acordo com a colocação das vogais, *tryambakaṁ* só tem três sílabas (*trya-mba-kaṁ*).

O terceiro *pāda* contém nove sílabas, o que seria uma deficiência métrica no sânscrito clássico (*urvārukam iva bandhanān*) porque a disposição padrão requere oito sílabas aqui. Não há maneira de contornar isso, e o verso deve ser cantado com nove sílabas (*u-rvā-ru-kam-i-va-ba-ndha-nān*), mas isso resulta em um leve desvio do usual padrão de som Anuṣṭubh. Se o cantor

---

[1] [Ou Mahāmṛtyuṃjaya; também conhecido como Tryambaka mantra].
[2] [Ou o Mokṣa Mantra, o Mantra da Libertação, ou da salvação].
[3] O termo significa literalmente usado por ou vindo de um sábio (*ṛṣi). Ele leva o sentido de “arcaico” ou costume vêdico, ao contrário de *laukika* ou costume clássico (secular, mundano, habitual).

tentar forçar essa cavilha redonda de nove sílabas em um buraco quadrado de oito sílabas o resultado não soará correto.

Aqui está o texto organizado para mostrar a estrutura dos quatro *pādas,* cada um dos quais contém uma ideia clara:

त्र्यम्बकं यजामहे सुगन्धिं पुष्टिवर्धनम् ।
उर्वारुकमिव बन्धनान्मृत्योर्मुक्षीय मामृतात् ॥[4]

tryambakaṁ yajāmahe
sugandhiṁ puṣṭivardhanam |
urvārukam iva bandhanān
mṛtyor mukṣīya māmṛtāt ||[5]

O significado da primeira linha é muito simples, mas usa palavras que têm associações sugestivas: "Nós adoramos Tryambaka, o fragrante promotor de nutrição (ou cultivador de bem-estar)". No verso, Tryambakaṁ está no caso acusativo e concorda com os acusativos de *su-gandhiṁ* (fragrante; também significando virtuoso ou piedoso) e *puṣṭivardhanam* (aumentador de nutrição, bem-estar).

Na literatura pós-rigvêdica, Tryambaka é um nome de Rudra, um deus vêdico posteriormente identificado com Śiva. Tryambaka é usado claramente como um epíteto de Rudra no *Yajurveda* (YV 3.58), um verso que vem antes do verso que estamos estudando. O significado do nome Tryambaka é controverso, mas geralmente entende-se que ele significa uma de duas coisas.[6] No sânscrito clássico a palavra *ambaka* significa "um olho",[7] então a maioria dos intérpretes, incluindo R. K. Sharma, acha que Tryambaka significa "aquele de três olhos".[8] Essa é a interpretação mais provável dentro do contexto do *Yajurveda* onde o verso está no contexto específico de Rudra. Algumas fontes levantam objeções a essa tradução "de três olhos", porque embora Śiva seja representado com três olhos na literatura mais recente, há pouca evidência de que essa era uma forma conhecida na época do *Ṛgveda*. Em sânscrito vêdico as palavras *ambā* e *ambikā* significam "mãe", assim outra interpretação é que Tryambaka significa alguém que tem três mães, esposas ou irmãs.[9] Um problema com essa opinião é que não há evidência nas

---

[4] *Bandhanānmṛtyormukṣīya* é *sandhi* para *bandhanāt mṛtyoḥ mukṣīya.* Na transliteração o *sandhi* foi separado como *bandhanān-mṛtyor-mukṣīya* para tornar claras as divisões das palavras.

[5] [Ouça esse mantra (iniciando com Om) cantado por Tomaz Lima: Triambak Mantra (Youtube)].

[6] Várias interpretações do nome Tryambaka são cobertas por Mahadev Chakravarti, *The Concept of Rudra-Śiva Through the Ages*, 2º ed. revisada (reedição, Delhi, Motilal Banarsidass, Pvt. Ltd., 2002), 17, 37-39, e E. Washburn Hopkins, *Epic Mythology* (1915, reedição, Nova York, Biblo and Tannen, 1969), 220. Outra interpretação é que ele quer dizer o pai (*ambuka*) dos três deuses Brahma, Viṣṇu e Rudra, mas essa opinião não é muito bem aceita. Compare com Arya e Joshi, *Ṛgveda Saṁhitā*, vol. 3, 269.

[7] *Aṁbakaṁ* tem "um olho", como seu primeiro significado, e *The practical Sanskrit-English Dictionary* de Vaman Shivram Apte (Quarta Edição revisada e ampliada, 1965) 139, dá especificamente o exemplo da utilização com o significado "olho" como *tryaṁbaka*. No entanto Apte também lista "um pai" como o segundo significado possível, o que apoia algumas interpretações do mesmo significando "pai de (três coisas que são diferentemente identificadas)".

[8] Conversa entre o autor e R. K. Sharma, em 27 de julho de 2011.

[9] As interpretações como "de três olhos" ou "tendo três mães, esposas, ou irmãs" são mencionadas por Ralph T. H. Griffith, *Yajurveda Saṁhitā* (1899, reedição: Nag Publishers, 1990), 39.

escrituras de que alguma vez se pensou em Rudra como tendo três mães dessa maneira.

Yajāmahe é um verbo que significa “nós adoramos” (1ª pessoa pl.). O verbo *yaj* significa adorar, honrar ou reverenciar. A palavra para sacrifício e atos de culto (*yajña*) vem dessa raiz. Como um adjetivo, *sughandi* literalmente significa de cheiro doce ou fragrante, mas tem significados secundários de virtuoso ou piedoso. Como um substantivo, *sughandiḥ* significa perfume ou fragrância, e é um epíteto do Ser Supremo.[10] O mesmo duplo significado existe em inglês quando dizemos que alguém é uma pessoa “doce”, querendo dizer que é uma boa pessoa. *Puṣṭi* é nutrição e próspero, o que inclui crescimento saudável e prosperidade. Estar em uma condição bem nutrida significa que você está desfrutando de vida plena. Um *vardhana* é alguém que nutre, fortalece, e faz coisas crescerem. Vem da raiz *vṛdh* que significa “aumentar”. No contexto da agricultura, um *vardhana* seria um bom jardineiro que faz as plantas florescerem e desfrutarem de boa saúde. *Vardhanam* está no caso acusativo e está composta com *puṣṭi,* assim *puṣṭivardhanam* significa alguém que aumenta o bem-estar. *Vardhana* é um epíteto de Śiva.[11]

A segunda linha da prece é baseada em um símile. “Como o pepino se livra da ligação com sua trepadeira (*urvārukam iva bandhanāt*) que eu possa me livrar da morte” (*mṛtyor mukṣīya*). Um *urvārukaṁ* é o fruto de uma espécie de pepineiro.[12] Quando o vegetal *urvāruka* está maduro ele cai da planta. Esse é um processo normal e não há nada a temer.[13] A palavra *iva* significa “como” ou “assim como” e é uma importante palavra de ligação que forma um símile. *Urvārukam iva* significa “como o pepino”. *Bandhanāt* significa “da trepadeira”. Devido ao *sandhi* com a palavra seguinte, *bandhanāt* se torna *bandhanān.* A palavra *bandhana* tem um duplo significado. Ela geralmente é traduzida como “escravidão” ou “cativeiro”, mas no contexto das plantas significa um caule ou talo.[14] O jogo de palavras é que para obter realmente liberdade do medo da morte nós devemos nos livrar “do apego”, significando apego não saudável a coisas que são impermanentes, assim como um vegetal maduro se livra da conexão com uma trepadeira. Um exemplo do uso da palavra *bandhana* significando caule se encontra em um belo verso do *Kumarāsambhava* de Kālidāsa (4.14):

---

[10] Apte, 989.
[11] Apte, 834.
[12] Apte, 302, diz que *urvāruḥ* é uma espécie de pepino, e seu fruto é chamado de *urvārukaṁ*. Monier Williams, 218, identifica *urvāru* (compare com *irvāru*) com um tipo de pepino, Cucumis Usitatissimum. A *Ṛgveda Saṁhitā,* vol. 3, 270, de Arya e Joshi, diz que *urvāruka* também é chamado de *karkati*, uma espécie de pepino, e em interpretações posteriores é identificado com *karkandhu*, que cai do caule quando está maduro. Eu também tenho visto *urvāruka* traduzido como meloeiro, mas não encontrei uma boa citação justificando isso.
[13] Uma dica de jardinagem sobre pepinos é que para permitir que os frutos jovens se desenvolvam até o seu pleno potencial o jardineiro deve remover os frutos maduros da planta para que eles não impeçam o novo crescimento. As pessoas parecem precisar da mesma poda de vez em quando, e as novas pessoas precisam do seu próprio espaço para crescer.
[14] Apte, 693.

हरितारुणचारुबन्धनः कलपुंस्कोकिलशब्दसूचितः ।
वद् संप्रति कस्य बाणतां नवचूतप्रसवो गमिष्यति ॥

haritāruṇacārubandhanaḥ kalapuṁskokila-
śabdasūcitaḥ ।
vada saṁprati kasya bāṇatāṁ navacūta-
prasavo gamiṣyati ॥ *Kumārasambhava* 4.14 ॥

Diga, para as flechas de quem elas serão usadas agora?
Essas flores novas crescentes de manga
De talos delicados avermelhados e verdes, sua presença
Revelada pelos chamados melodiosos do cuco?[15]

A frase *mṛtyor mukṣīya* significa "que eu me livre da morte". *Mṛtyuḥ* é morte, e *mṛtyoḥ (mṛtyor*) está no caso ablativo singular, significando "da morte". *mukṣīya* significa "que eu fique livre".[16] A palavra para libertação (*mokṣa*) vem da mesma raiz. *Mokṣa* é a meta final da prática espiritual.

O composto *māmṛtāt* (*ma amṛtāt*) significa "não da imortalidade". *Mā* é um afixo proibitivo com um sentido imperativo, significando "não". *Amṛtāṁ* é imortalidade, e *amṛtāt* está no caso ablativo singular, significando "da imortalidade". Como outras palavras nesse verso, ela tem um duplo significado. Além da própria imortalidade, *amṛtāṁ* também pode significar o mundo eterno de imortalidade, que é o Paraíso ou o Céu. Então a frase final é um pedido para que nós nunca sejamos libertados da nossa própria natureza, que é eterna e não limitada ao físico. Note que a estrutura do quarto *pāda* liga as ideias de morte e imortalidade em um pacote elegante: *mṛtyor mukṣīya māmṛtāt*. O som da raiz "morte" (*mṛt*) ecoa em *mṛtyor* e *māmṛtāt* usando uma forma de aliteração (*anuprāsa*) que é fortalecida pelo som de *m* em *mukṣīya.* O emparelhamento preciso das palavras pode ser traduzido diretamente como "Que eu fique livre da mortalidade, não da imortalidade".

Então qual é o melhor meio de resumir tudo isso e traduzir o verso? Não é uma tarefa fácil, especialmente se você tentar capturar a estrutura dos próprios padrões das palavras. Pode-se ver o quão difícil é apreender as ideias por trás das palavras por comparar várias traduções. Aqui está uma versão bastante literal baseada na análise que apresentamos até agora. Essa tradução adere estritamente ao texto original e está organizada para mostrar a ordem dos quatro *pādas.* Ela usa a palavra "aumentador" para *vardhana*, mas se você quisesse manter o símile agrícola de cultivar pepinos as palavras "jardineiro" ou "cultivador" também poderiam ser escolhidas:

Nós adoramos Tryambaka
O doce aumentador de bem-estar |
Como um pepino é libertado da sujeição (à sua trepadeira)
Que eu fique livre da morte, mas não da imortalidade. ||

---

[15] Tradução por Chandra Rajan, *The Complete Works of Kālidāsa*, Volume 1: Poems (Nova Delhi: Sahitya Akademi, 1997).
[16] *Mukṣīya* está na voz média da primeira pessoa do singular. O modo optativo ou "beneditivo" é usado em sânscrito para indicar uma vontade ou desejo. O modo optativo é indicado por acrescentar *-ī* à raiz verbal, *mukṣ-ī-ya.*

A tradução de Ralph T. H. Griffith também segue de perto o texto-fonte e preserva o arranjo original das ideias nos quatro *pādas,* organizados em duas linhas:

> Nós adoramos Tryambaka, o doce aumentador de prosperidade.
> Como um pepino do seu caule, que eu fique livre dos grilhões da morte, não privado de imortalidade.[17]

A versão de H. H. Wilson também é bastante literal e preserva em geral a estrutura de duas linhas, mas a estrutura gramatical é menos clara devido ao uso de dois pontos. Ele muda a ordem das ideias no terceiro e quarto *pādas*, separando as referências ligadas à morte (*mṛtyor*) e à imortalidade (*āmṛtāt*) que ocorrem juntas no quarto *pāda* do original, por colocar entre elas a imagem do pepino que aparece no terceiro *pāda.* Isso quebra o ritmo das ideias como apresentadas no sânscrito original.

> Nós adoramos Tryambaka, cuja fama é fragrante, o aumentador de crescimento: que eu fique livre da morte, e como o *urvāruka* do seu caule, mas não da imortalidade.[18]

Swami Yatiswarananda usa prosa para sua tradução e tenta ajudar o leitor a compreender o que a prece significa por inserir interpretações contemporâneas de algumas das palavras. Ele chama Tryambaka de "Senhor de visão transcendental", atualizando o Rudra "de três olhos" para uma audiência moderna. Como Wilson, ele separa as duas referências à morte e à imortalidade por inserir uma frase sobre o "fruto maduro caindo da árvore" entre elas. No geral ela é bastante legível, mas é mais de uma interpretação conceitual do que uma tradução literal:

> Eu adoro a Ti, ó doce Senhor de visão transcendental. Ó concessor de prosperidade a todos, que eu seja libertado dos laços da morte, como um fruto maduro caindo da árvore. Que eu nunca esqueça novamente a minha natureza imortal.[19]

Les Morgan,
Croaking Frogs, 3.2.7

Traduzido por E. M. em 2015.

---

[17] Griffith, *Yajurveda Saṁhitā,* 39-40.
[18] Arya e Joshi, *Ṛgveda Saṁhitā,* vol. 3, 269-270.
[19] Swami Yatiswarananda, *Universal Prayers* (Mylapor, Madras: Sri Ramakrishna Math, n.d.), 57, prece número 16.